



Directora — Antónia Barreto

Redacção e administração: Barcelos □ Editor-Proprietário: Colégio Missionário Ultramarino — Arcozêlo □ Tipografia: Montariol — Braga

Como se fundou uma Missão entre os antropófagos

“VAMOS lá a ver, disse-lhes eu uma tarde, que pensavam no dia em que chegaram aqui?”

— Oh! *Mamelo*, se soubesse como nós estávamos com tanto medo! Na nossa aldeia tinham falado tanto à-cêrca dos brancos... e diziam que êles queriam matar-nos a tôdas e comer-nos.»

«Um dia, aventurou uma outra, um branco foi fazer a guerra; a nós, como éramos ainda pequeninas, guardaram-nos para nos levar. O branco disse que nos ia entregar às mãzinhas brancas que nos amariam muito.

— Nós tínhamos medo, mas era preciso seguir.

— Antes de aqui chegarmos nunca víamos mulheres brancas.

— E vestidos tão bonitos!

— Examinávamos cada uma das Irmãs e vendo que era a vós que o branco se diri-

gia, pensávamos cá para connosco: «Aquela é a que manda. Como é magra... é ela que nos vai comer!»

«E eu, confessava uma outra ainda, quando nos dáveis a *chickivangue*, julgava que me querieis envenenar.

— «Passados alguns dias, vendo que éreis sempre tão boas para nós, o medo desapareceu. Agora estamos muito contentes e queremos ficar convosco para nunca mais voltar às nossas aldeias.

OS GUARDAS DA MISSÃO

Alguns meses depois, o internato contava duzentas negrinhas. Nessa época — 1897 — as missionárias abriram um catecumenato para as mulheres bangalas. Estas, saídas da floresta, eram ferozes e selvagens em todo o sentido da palavra. Vestiam umas pequenas saias feitas de fibra, e traziam nos pulsos e nos tornozelos pe-

34543
BIBLIOTECA

sados anéis de ferro ou cobre. Para as civilizar era necessário usar de muita bondade e não menos paciência. Todavia, quantas, suspirando unicamente pela sua liberdade, conseguiram fugir e voltar ao seu querido mato, sem que houvesse esperança de vê-las regressar! Outras aclimataram-se e ficaram na Missão. Se bem que com muita dificuldade, aprenderam as primeiras noções de catecismo. Pouco a pouco prepararam-se para o Baptismo, depois para o casamento cristão.

Estes progressos, devidos à Exposição do Santíssimo Sacramento, faziam a alegria das missionárias. Pensai na santa Eucaristia exposta durante horas neste canto recuado do Congo! Que fonte de graças! Os novos cristãos compreenderam-no e gostavam de vir saudar o Santíssimo Sacramento antes de principiar o seu trabalho.

Esta primeira capela missionária era pobre, não é preciso dizê-lo; um simples chimbeck que as Irmãs guarneciam o melhor possível com flores selvagens e bonitas trepadeiras colhidas na floresta. Da Europa tinham-lhes mandado duas lindas imagens, uma do Sagrado Coração de Jesus e outra de S. José.

Ora, um dia, as missionárias viram chegar de longe o famoso chefe Ikadja acompanhado duns doze negros grandes e cor-

pulentos. Que pretendiam êles? Chegando junto do convento, inclinaram à direita e dirigiram-se para a capela. Desta vez um certo receio se apoderou das Irmãs; num instante tôdas correram para o altar. Não tinham obrigação, a custo da própria vida, de proteger o Santíssimo Sacramento dos ataques possíveis dos selvagens?

Momento de angústia muito depressa dissipado! Ikadja e a sua comitiva tinham parado debaixo da varanda e, não ousando entrar, inspecionavam curiosamente pelas pobres janelitas de madeira, o interior da capela. O altar, a custódia, isso para êles não significava grande coisa; o que lhes chamou a atenção e os atemorizou, foram «êsses dois homens vestidos duma maneira tão estranha e que estavam ali imóveis».

«Então, Ikadja, que é que tu examinas assim? perguntou-lhe a Madre Maria do B. Rizzier, que já tranqüilizada sôbre as intenções pacíficas do chefe, se tinha aproximado.

— Quem são aquêles homens, *Mamelo*?

— Não são homens, são as imagens do Sagrado Coração e de S. José.

— Eu não compreender. Imagens! Não são pessoas vivas?

— Pois com certeza que não.

— Êles que fazer?

— São os representantes dos nossos protectores do céu.

— Êles não mexer, ... eu não compreender». Se não compreendia, Ikadja sabia no entanto bastante para esta vez.

«Dois brancos sempre sem mexer guardar as *Mamelo!*»

Sacudindo a cabeça, foi-se embora com os seus homens.

Este incidente, ou para melhor dizer, esta visita, teve a sua repercussão.





Os terríveis bangalas não o confessavam, mas era certo que temiam êsses «dois protectores imóveis» e receavam ter que de-
frontar-se com criaturas mais poderosas que êles.

A partir dêsse dia, mostraram-se mais sociáveis. Ikadja apresentava-se algumas vezes na Missão para cumprimentar as *Mamelo* e até mesmo, atenção nunca usada, para lhes levar um belo cacho de bananas. Começou também a mandar negros para serem tratados no convento ou a buscar remédios para os doentes da tribu.

Era um progresso manifesto. E tal que todos perguntavam mesmo se o grande chefe não ia dar um passo gigantesco e pedir para entrar no catecumenato. Oh! ainda não. Uma vez as missionárias falaram-lhe de Deus e a resposta era bem clara: a hora da conversão ainda não tinha soado para êle, no entanto encontrava-se trilhando o caminho que o faria lá chegar.

A PRIMEIRA PROCISSÃO.

Em Junho de 1898, a Missão de Nova-An-tuérpia contava já bastantes cristãos e sobretudo catecúmenos para celebrar com pompa a festa do Santíssimo Sacramento.

Foi resolvido fazer-se uma procissão, e em pleno mato, era preciso criar, arranjar tudo, baldaquinos, arcos, bandeiras, etc.

Alegremente, todos deitam mãos à obra.

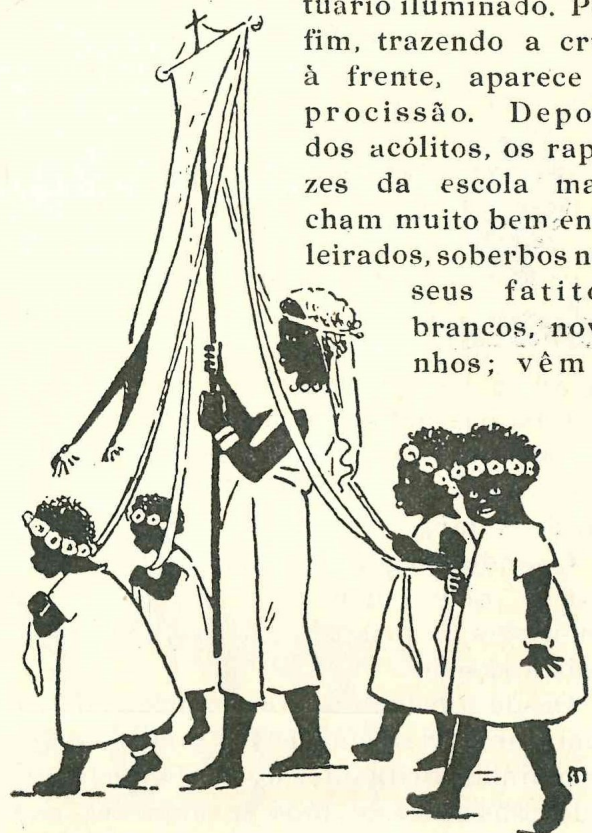
É um vaivém continuo, uma animação que aumenta gradualmente. Os indigenas correm, cheios de curiosidade. Alguma coisa de grande se vai passar.

Não obstante a grande pobreza da Missão, fizeram-se maravilhas. Na manhã do dia da festa do Corpo de Deus tudo está pronto. A rua central, já tão vistosa com as grandes árvores, está guarnecida de bandeiras. Os bangalas ao vê-las e de tantas côres, vermelhas, amarelas, azues, assim como as lindas grinaldas, arregalam os olhos muito admirados... Que bonito!... Mas, todavia, pressente-se que estão inquietos.

«O que vão fazer hoje os brancos?»

À tarde, às 5 horas, o sino da Missão repica festivamente. Depressa se reüniram as tribus dos arredores, estando já algumas ali, desde pela manhã, esperando febrilmente.

A porta da igreja tem as portas abertas de par em par. De longe, avista-se o santuário iluminado. Por fim, trazendo a cruz à frente, aparece a procissão. Depois dos acólitos, os rapazes da escola marcham muito bem enfileirados, soberbos nos seus fatitos brancos, novinhos; vêm a



seguir as as meninas de uniforme branco, novo também e com uma coroa de rosas nos cabelos crespos; uma leva o estandarte da Santíssima Virgem e quatro seguram nas fitas; as religiosas seguem-se depois, trazendo uma vela na mão.

O pátio que protege o Santíssimo Sacramento é levado por quatro jovens cristãos. Pela primeira vez, os louvores a Jesus Eucaristia se elevam nos ares na mata congoleza:

Ave Verum, Adoro te.

A procissão chega ao primeiro altar e a Hóstia santa é exposta à adoração dos cristãos, na custódia resplandecente aos últimos raios do sol. As Irmãs entoam o *Tantum ergo*. Sobem nuvens de incenso ligeiras, em espirais... Escondidos por detrás das palmeiras, os pagãos espreitam, amontoados uns sôbre os outros. Ninguém se mexe mas todos observam com curiosidade, com ansiedade mesmo, os mais pequenos pormenores da cerimónia.

No segundo altar, o mesmo grupo de espectadores, mais numerosos ainda, talvez mais aterrorizados... As missionárias avistaram Ikadja, o chefe, na primeira fila. No dia seguinte, na aldeia pagã, era uma verdadeira revolução!

«Os Padres, as Irmãs e os cristãos andaram a passear ontem o seu «feiticeiro», diziam os pobres negros apavorados, agora o que nos irá acontecer?»

Sem dúvida alguma, formidáveis desgraças!»

Nenhum pagão queria já aproximar-se da Missão, afirmando que ir lá, para eles era a morte certa.

Tudo isto era a prova evidente de que o diabo andava trabalhando e fazendo das suas? Mas teria saído o Santíssimo Sacramento, pela primeira vez em Nova-Antuérpia sem espalhar à sua passagem graças abundantes?...

(Continua).



CHIPWILA

Quem é ela?...

Uma das primeiras negrinhas recebidas no internato de Dilolo — recente fundação das Franciscanas Missionárias de Maria, ao sul de Katango.

Quando chegou, não sabia nada: nem A nem B, nem 1 nem 2. A professora colocou-a pois na primeira carteirinha da aula mais atrasada.

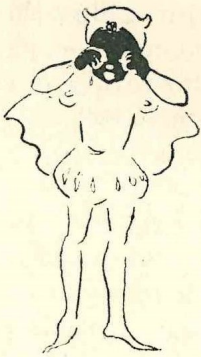
Desde o princípio a sua aplicação, o seu bom comportamento eram pouco comuns. Os olhinhos brilhantes de inteligência, viam tudo, observavam tudo e uma vez expli-



cada a lição, Chipwila não era com certeza a última a dar a sua resposta, uma resposta reflectida, quasi sempre correcta.

Chegado o dia da festa do Padre Superior, as pequeninas internas foram consideradas já capazes de fazer uma «representação». Houve cantos, cumprimento, poesias e até uma comédiazinha. O entretcho dela ignoro-o, só sei que entre as personagens havia um diabo, e que Chipiwila, por causa da sua desenvoltura, foi escolhida para êste papel.

Um diabinho?... Ela?... Contra toda a expectativa, houve uma torrente de lágrimas. Ela que queria tornar-se cristã, que fazia todos os seus esforços para se portar



muito bem, para trabalhar com perfeição, ela que nunca tagarelava durante as lições...

E ela precisamente é que devia incarnar a figura do diabo, ir servir de demônio tentador ao pé das outras... e sobretudo envergar êsse traje vermelho, com os horrorosos chifres e as garras aduncas!... Pobre Chipwila! Como lhe custava tanto! Mas habituada a fazer tudo quanto lhe mandavam, submeteu-se. Tanto melhor; no dia da festa desempenhou o seu papel às mil maravilhas. Era um verdadeiro diabito, ágil, buliçoso, atormentando esta, aconselhando aquela...

Mas, quando terminada a sessão, o Padre Superior apresentou a máquina fotográfica para tirar o retrato ao «diabo», êste desaparecera.

Foram dar com êle num canto duma sala, a chorar de tal maneira que metia dô.

«Então Chipwila, que é que tu tens? Por que choras assim? Vá, vá... foste um diabinho na comédia, mas agora já não és, já acabou!» Por entre os soluços que a sufocam, chega-se finalmente a compreender que uma das pequenas companheiras lhe dissera: «Chipwila, como agora fizeste de Satanás certamente não podes ser baptizada...»

Para convencê-la de que não era nada assim, não foi fácil! Finalmente, para consolá-la e recompensá-la de ter sido tão obediente, a professora deu-lhe um lindo colar de pérolas, adôrno que Chipwila há tanto ambicionava... Pois bem, acreditareis que ela nunca o pôs?

Nunca o trouxe e se lhe perguntavam porquê, dizia:

«Não, Mame-lo, não posso, faz-me lembrar muito o dia em que era o diabo!...» Chipwila não é ainda uma filhinha de Deus, mas prepara-se para o Baptismo. Ora, há pouco tempo ainda, depois da aula, a professora falava das Irmãs Negras, vestidas de branco, que amam muito a Nosso Senhor. Emquanto umas vinte se preparam no Noviciado, as Irmãs mais velhas são já verdadeiras missionárias e ajudam nas obras, junto das crianças e dos doentes, em Nova-Antuérpia, em Bumba e noutros lugares.

Naquela noite depois da ceia, quando as outras companheiras brincavam diante da casa, Chipwila aproximou-se da religiosa que exercia a vigilância, e confidenciou-lhe: *Mame-lo*, eu também quero ser «Minha Irmã», como vós.

— E tu já pensas numa coisa dessas, Chipwila! És tão pequenina e ainda não és cristã e já falas em ser «Minha Irmã»!

— Sim, sou pequenina, dizeis bem *Mame-lo*...

E mais baixo, como que falando consigo mesma: «E no entanto quero!»

Chipwila está agora no segundo ano de estudo; é uma das mais dóceis e das mais



inteligentes. O dia do Baptismo aproxima-se e em breve seguir-se-á o da primeira Comunhão.

Os pequenos Assinantes da *Tribuna* não

terão uma oraçõzinha para que Chipwila persevere nas suas boas disposições e, se Deus o permitir, para que se torne um dia uma verdadeira apóstola no seu país?

O NOSSO AGUADEIRO

DESTA vez, era um rapaz, caso raríssimo! Em Tsi-su-mu, centro inteiramente pagão, não passa sequer um dia sem que a Creche receba alguns presentes de recém-nascidos, todos meninas miseráveis, cuja vida está presa por um fio. Apressamo-nos a fornecer-lhes um passaporte para o céu, mansão para onde a maior parte tem pressa de seguir. Que crianças tão felizes! Mas desta vez trata-se dum rapaz e as coisas complicam-se. Para um rapaz é preciso um padrinho, e estes são infinitamente mais difíceis de encontrar do que as madrinhas.

Geralmente o sacristão da igreja é quem desempenha sempre esta função. Hoje, é um caso raro, está ausente. É impossível aguardar o seu regresso e o tempo passa.

Quem há-de ser? Na verdade... não aparece ninguém! Ah! mas que falta de lembrança! Então não há o nosso velho criado, o aguadeiro, recentemente baptizado! No entanto... é um pouco arriscado.

Ei-lo que chega justamente como se o tivessem chamado.

«Anda cá, António; deixa aí os baldes. Tu vais ser padrinho!» Desata a rir.

«Padrinho, eu! A *Kounenée* engana-se. Nunca fiz semelhante coisa.

— Não importa, vais aprender. Escuta, tu sabes o *Credo*, penso eu; para tudo o mais eu estarei junto de ti.

«— O *Credo*... o *Credo*...»

O velho abana a cabeça. Lembrar-se-ia dele? De algumas frases talvez.

«Mesmo assim, anda, eu não te largo durante a cerimónia.»

Além disso não é tempo de parlamentar; a criança que conduz o bebé vai já a caminho da igreja. O cortejo deve seguir. António lá os acompanha de boa ou de má vontade, revirando os olhos espantados.

«*Kounenée*, como é que começa o *Credo*?»

— Não te aflijas, dir-to-emos no momento próprio».

O seu passo é vago-roso, indeciso; o pêsso das suas obrigações de padrinho parece acabrunhá-lo. Chega o Padre. Começam as perguntas. António agita-se.

Kounenée, que é que eu tenho de dizer?... E agora que devo responder? *Kounenée* eu ... eu não sei...»

A ansiedade do homem é extrema.

Eis o momento solene



eu que o padrinho recita o *Credo* em nome do afilhado.

«*Credo!* começa o Padre.

— *Credo!*» repete a meia voz o infeliz Antônio...

Depois fica-se de bôca aberta, incapaz de articular um único som.

À fôrça de lhe soprarem as palavras umas após outras, lá completa a profissão de fê. Em seguida, o cortejo entra na igreja.

Cada vez mais embasbacado, Antônio mergulha-se num labirinto de incompreensões. Julgava a cerimônia já terminada e ei-la que recomeça. Olha para a criança, olha para o Padre, olha para a Siéou-tao. Donde lhe virá o socorro?

Os seus olhos dirigem-se ansiosos dum lado para outro.

«*Kounené*, que tenho que fazer?

— Deixa-te estar de pé.

— E agora, *Kounené*?

— Agora põe-te de joelhos e segura a vela muito direitinha».

Ah! esta vela! Derrete-se, a cêra quei-



ma-lhe as mãos. Como éle prefere antes os seus dois baldes da água, à moda de balança nas extremidades da comprida haste.

Ainda alguns *oremus* e mais algumas respostas que a Irmã continua a ditar-lhe, palavra por palavra, e a cerimônia estará terminada. O Pedrinho, baptizado, já pode ir para o Céu e Antônio já pode voltar a pôr os baldes ao ombro.

Com que alívio se dirige para a porta. Mas porque se ouve tanto ruído?... Uma salva de bravos e de aclamações deixa-o pregado no lugar. São as crianças que o viram exercendo as suas importantes funções na Igreja.

«Viva o padrinho! Viva o padrinho!»

Refeito da sua surpresa e modesto mesmo no triunfo, Antônio dirigiu à multidão barulhenta um sorriso de um bondoso papá, fêz à Siéou-tao que lhe obtivera esta glória um Kio-teu profundo e depois voltou tranquilamente para os seus baldes, feliz por ter acabado com as honras dêste mundo.

“P Ô N C I A,,

É o título de uma linda cena dramática. Talvez que já a tivésseis representado. Lembremo-la em duas palavras para chegarmos ao fim:

«A heroína é a filha de Pôncio Pilatos. Singularmente impressionada pela morte do Salvador, sentindo a fê penetrar-lhe na alma, suplica a uma das suas jovens escravas que a instrua. Surpreendida, Pôncia é denunciada ao pai, intimada a ir queimar incenso aos ídolos e, em caso de recusa, condenada a ser fechada numa estreita prisão. Um cristão conhecido do carcereiro consegue ir vi-

sitá-la secretamente. Instrui-a na religião, ensina-lhe orações e prepara-a para o Baptismo. Um dos momentos, o mais patético, é aquêle em que Pôncia aprende o *Credo*:

«Creio em Deus... e em Jesus Cristo, seu único Filho... sofreu sob Pôncio Pilatos...

«Meu pai... meu pai...» geme a pobre Pôncia.

Ainda mais uma vez a valente catecúmena é constrangida a renunciar às suas novas ideias:

«Oferecer incenso aos deuses, ou a morte!»

A jovem não hesita e a sua condenação é pronunciada. De tarde, recebe o Baptismo. Mas de manhã, alguns instantes antes da chegada do carrasco cuja espada ia imolá-la, morre na prisão.»

As alunas puderam escolher entre si os diferentes papéis. O de Pôncia foi confiado a uma jovem pensionista não católica, que embora lentamente, está em vias de o ser. Desempenhou o seu papel tão naturalmente e sobretudo com tanta energia e entusiasmo que dir-se-ia uma cristã fervorosa. Os deslumbrantes enfeites, os trajes resplandecentes, e ainda mais a perfeita, interpretação de todos e de cada um dos papéis, valeu às jovens actrizes — notemos que, com excepção

de duas ou três, nenhuma delas era católica — as mais calorosas felicitações de S. Eminência, os aplausos dos espectadores; nas duas representações, a sala estava literalmente repleta e o órgão da diocese publicou um artigo elogioso.

Isto era já uma recompensa. Outras maiores seguir-se-ão; um facto permite esperar-lo.

Uma senhora que há vários anos, tinha abandonado tôdas as práticas religiosas, assistia ao espectáculo. Ficou tão impressionada com o que vira, que no dia seguinte dirigia-se à igreja, assistia à Missa e reconciliava-se com Deus.

Ser-se apóstolo ao mesmo tempo que se é actor eis o que é preciso ter sempre em vista.



Os pretinhos e chinesinhos que guarnecem êste friso, esperam encontrar entre os amigos da Tribuna um padrinho ou uma madrinha. Aguardam ansiosos a sua resolução e os seus rostos encantadores exprimem já a alegria que hão-de sentir ao receber tão agradável notícia. E depois com que fervor não pedirão êles a Jesus que lhes conceda graças infindas! E as suas orações serão ouvidas porque o Senhor ama com predilecção os pequeninos, êsses coraçõezinhos puros e inocentes, que principiam a balbuciar o seu nome já com tanto amor!